

Francisco A. Francileudo e J. Clerton Martins

SENTIDO DO **TEMPO**
SENTIDO DO **ÓCIO**
SENTIDOS PARA O **VIVER**

FICHA TECNICA**TITULO**

Sentido do tempo, sentido do ócio, sentidos para o viver

AUTORES

Francisco A. Francileudo e J. Clerton Martins

CONSELHO CIENTÍFICO

Maria Manuel Batista(Universidade de Aveiro – Portugal)

Georgina Flores Mercado (Universidad Aut.do México – México)

Clara Virgínia de Q. Pinheiro (Universidade de Fortaleza-CE- Brasil)

Victor David Salis (Universidade Fed.de São Paulo – SP- Brasil)

Jan Gerard Joseph ter Reegen(Universidade Est.do Ceará-Brasil)

Ieda Maria Rhoden(Univ. do Vale do Rio dos Sinos – Brasil)

José Albio Moreira de Sales (Universidade Est. do Ceará-Brasil)

CONSELHO EDITORIAL

Rui Alexandre Grácio

Anne Ventura

Fabiana Neiva Veloso Brasileiro

José Vianney Mesquita

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Rui Grácio

BOLSISTA DE INICIAÇÃO CIENTIFICA

Francisco Wellington de Sousa Barbosa Júnior IC/ CNPq

REVISÃO BRASILEIRA

José Vianney Mesquita

CAPA

Grácio Editor

DESIGN GRÁFICO

Grácio Editor

1ª EDIÇÃO

Janeiro de 2016

ISBN: 978-989-8377-87-6

© Grácio Editor

Travessa da Vila União, n.º 16, 7.º drt

3030-217 COIMBRA

Telef.: 239 084 370

e-mail: editor@ruigracio.com

sítio: www.ruigracio.com

Reservados todos os direitos

Francisco A. Francileudo e J. Clerton Martins

SENTIDO DO TEMPO
SENTIDO DO ÓCIO
SENTIDOS PARA O VIVER

SUMÁRIO

Apresentação.....	7
Prefácio	9
Introdução	15

PARTE I

PARA ENTENDER OS TERMOS E AS IDEIAS:

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	19
1. Apreensões sobre hermenêutica.....	21
2. Apreensões sobre fenomenologia.....	24
3. Apreensões sobre sentido	26
4. Apreensões sobre humanismo.....	30
5. Apreensões sobre modernidade	34
6. Apreensões sobre contemporaneidade	41
7. Apreensões sobre experiência	50
8. Apreensões sobre tempo	55
9. Apreensões sobre ócio.....	60

PARTE II

DEMARCADORES DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

1. Apreensões sobre liquidez.....	73
2. O extremo consumo	75
3. Apressamento dos ritmos sociais	80

PARTE III

APONTAMENTOS SOBRE A CONDIÇÃO HUMANA.....

1. Visão clássica sobre a condição humana	87
2. Visão romana sobre a condição humana	91
3. Visão medieval da condição humana	94
4. Visão moderna da condição humana	98
5. Visão contemporânea da condição humana	101

PARTE IV

SOBRE O FENÔMENO HUMANO DO ÓCIO105

1. O ócio no pensamento de Aristóteles107

2. O ócio no pensamento de Sêneca115

3. O ócio no pensamento de Tomás de Aquino123

4. O ócio na modernidade a partir de Veblen e Lafargue132

5. O pensamento contemporâneo e o ócio143

Encaminhamentos conclusivos161

Referências.....167

PREFÁCIO

VIRTUDES DO ÓCIO:

DA BÚSSOLA DESORIENTADA À OUSADIA DA INVENÇÃO APROPRIANTE DO SENTIDO

A presente obra é atravessada pela urgência de compreender o mundo em que vivemos e as vicissitudes que, na contemporaneidade, o homem enfrenta. Por isso o seu tema de fundo é a questão do(s) sentido(s) da vida humana, abordada não só numa perspectiva diagnóstica mas, também, numa perspectiva propositiva, inserindo-se nesta última vertente as considerações sobre o ócio.

Assumindo que a temporalidade é constitutiva dos sentidos humanos — que são sempre historicamente dimensionados — os autores alicerçam a relevância da problemática do ócio numa visão histórica sem a qual este dificilmente poderia ser compreendido com a profundidade que se impõe.

A primeira parte do livro tem uma função pedagógica de enquadramento de conceitos e de termos. Dos nove tópicos que a compõem, os dois primeiros remetem para o esclarecimento dos pressupostos teóricos que neste trabalho são assumidos — sendo aqui de assinalar a filiação fenomenológico-hermenêutica e a subscricção de uma posição humanista. Os tópicos seguintes são dedicados a elucidações sobre termos-chave envolvidos na abordagem do tema geral, a começar pelo conceito de sentido, passando pelos de humanismo, de modernidade, de contemporaneidade, de experiência, de tempo e a culminar no conceito de ócio.

Vale a pena salientar que, por exemplo, para a elucidação da noção de experiência, é convocada uma passagem de Heidegger (cf. p. 50) na qual a ideia de experiência surge como algo a que estamos expostos, pela qual passamos sem estar numa posição de controlo e que é transformadora do nosso ser. Estamos, por isso, num conceito de experiência que nada tem a ver com a noção moderna de experimentação, entendida como modo de dominação da realidade através de processos que certificam a eficácia da capacidade manipuladora do homem. Pelo contrário, a

noção heideggeriana convocada neste trabalho não parte de uma dicotomia sujeito-objeto, nem da soberania do primeiro sobre o segundo, antes segue a ideia de que a pertença ao mundo é primeira e dela resulta a abertura que caracteriza o homem, abertura que lhe possibilita colocar a questão do sentido e torna viável pensar e experienciar o mundo enquanto tal. Poderíamos dizer, aliás, que se a noção moderna de experiência está ligada à ideia de conhecimento científico, a ideia heideggeriana de experiência remete para as vivências fundamentais da condição humana, apontando para uma noção de sabedoria que tem mais a ver com a apreensão do sentido e com a arte de ponderar, do que com a dominação fragmentada da realidade proporcionada pela ciência.

A segunda parte do presente trabalho é consagrada à contemporaneidade e dedica-se a assinalar as suas características. São eleitos três aspetos relevantes: por um lado o processo de liquidação e suas consequências; por outro o impacto da sociedade de consumo e do consumismo exacerbado que hoje domina; finalmente, a aceleração do tempo e as consequências que esse fenómeno repercute nas práticas sociais.

Foi Bauman quem introduziu a ideia de «sociedade líquida» para caracterizar a modernidade tardia que é a nossa. A metáfora da liquidez foi elaborada por este autor para colocar em evidência a diluição da estabilidade, da solidez, da permanência e da perfectibilidade que foram ideais perseguidos no despontar da modernidade. A liquidação das dinâmicas sociais traduz-se numa crescente fragmentação dos modos de vida, no desaparecimento dos cânones e dos grandes quadros de referência, no desvanecimento das grandes narrativas e na ascensão do individualismo, da ordem sensológica, do avulso, do imediato e do efémero. Poderíamos dizer que a “morte de Deus” anunciada por Nietzsche, consuma-se, na contemporaneidade, por um desdém pela paixão das ultimidades que caracterizou o pensamento metafísico, por uma descrença na possibilidade de atingir um plano originário ou princípios anteriores a tudo o mais, a cuja descoberta se devotavam as chamadas “filosofias primeiras” e, finalmente, por um modo de viver em que a tradição do rigor conceptual cede a uma

espécie de deriva contingencial que, sob os auspícios dos artifícios tecnológicos e da migração para o digital, tudo prece tornar possível e tudo faz suceder em ritmo vertiginoso.

Escusado seria dizer que o consumismo está intimamente ligado ao processo de liquidação social. O desejo de ter sobrepõe-se e esvazia o centramento no ser e a realização do humano desemboca numa inquietude que superioriza o valor dos meios ao valor dos fins. A vida para o consumo representa, por conseguinte, um estado adiantado de alienação. Contudo, o prazer superficial e a satisfação imediata tem no seu reverso a vertigem da falta de sentido, combatida incessantemente com fugas para a frente que desembocam numa intensificação da vida para o consumo. Nesta espiral, a recusa em parar conduz e alimenta a aceleração do tempo, personificada pela incapacidade de permanecer em algo que perdure e pela opção de um constante saltitar que evita uma consciência mais aprofundada da realidade. Descartar tornou-se a palavra de ordem. Impera a fluidez, a mobilidade, o fragmento, a flexibilidade e o curto prazo.

Se, como Heidegger afirmou, há uma solidariedade indissociável entre ser e tempo, a aceleração do tempo tritura justamente a abertura ao ser, conduz ao esquecimento da diferença ontológica e culmina numa coisificação de tudo — ser humano incluído.

Nestas circunstâncias, urge perguntar pela condição humana e é esse o tema da terceira parte do presente livro. Construindo um percurso sobre esse tópico, os autores passam em revista vários pensadores nos quais se evidencia uma reflexão profunda sobre a condição humana. Esse percurso culmina na contemporaneidade e, nesta, assistimos a uma profunda crise de sentido, manifesta num crescente mal-estar. Com a ideologia do lucro a impor-se como pensamento de via única, a alienação torna-se modo de vida e os custos são o desmembramento da força comunitária, a descartabilidade das pessoas, a ausência de solidariedade, a mercantilização generalizada, a incompreensão do mundo onde se vive em constante insegurança e incerteza e uma incapacidade para pensar os valores como fins capazes de polarizarem a vida. A volatilidade assegura a ânsia de liberdade e o

ensejo de não ver possibilidades fechadas - uma forma de negação dos limites da finitude em detrimento de uma instalação humana no infinito - mas, no seu reverso, ela esvazia o homem das referências de que necessitaria para viver com sentido. E transforma em pânico qualquer momento em que não há «nada para fazer» e em que o espelho que pergunta por si e para si, emerge. Podemos dizer que isso nos conduz ao cerne da experiência do ócio, ou seja, uma experiência que não é um meio mas um fim e que não tem outro propósito que o de nos confrontar com as capacidades apropriantes e criadores de uma voz ou de uma respiração que é preciso aprender a tornar própria. O que nos leva à última parte desta obra, dedicada ao fenómeno humano do ócio, proposto como um caminho para combater a toxicidade existencial que invadiu a condição humana na contemporaneidade.

Convém começar por esclarecer que o ócio não é o mesmo que tempo livre nem que lazer. O tempo livre é algo que é pensado por contraposição ao tempo da ocupação ou do trabalho e está ainda, por isso, polarizado nesta última noção. Por seu lado, o lazer remete para a ocupação do tempo livre em termos de entretenimento e sabemos como hoje o tempo do lazer está entregue à indústria e ao mercado. O tempo do ócio difere de ambos pois é um tempo de afirmatividade, de iniciativa interior e no qual a liberdade está intimamente ligada à gratuidade criativa. Poderíamos dizer que é um tempo de construção e apropriação de ritmos, modos de ver e de ponderar que nos permitem filiar numa identidade que sentimos mais próxima das nossas forças vitais genuínas, entretanto alienadas pelo tempo das rotinas e das obrigações. É, nesse sentido, uma experiência de integralidade que se opõe ao dilaceramento que, repartindo-nos em mil fragmentos, impossibilita uma articulação holística do pensar e do viver.

Importa também realçar que o ócio manteve sempre uma afinidade com a filosofia e Aristóteles apontou-o como uma das causas que conduzem a adotar uma atitude filosófica perante o mundo, ou outros e si mesmo. Se, no contexto de alguns pensadores gregos, a filosofia remetia para uma busca desinteressada da verdade, ou seja, não motivada por um fim utilitário mas por

um ideal de sabedoria que promove a contemplação e a paz interior, no contexto contemporâneo podemos dizer - como o fazem os autores do presente livro - que o ócio é algo que não tem qualquer fim lucrativo, o que não significa que seja sem consequências para quem habita a sua temporalidade própria. Pelo contrário, ele é visto como potenciador da saúde e do bem-estar, do aumento da capacidade de ponderação, da dimensão ética da convivencialidade e do sentido de justiça. Numa palavra, ele abre-nos ao mundo dos valores e revela-se como uma forma de resistência ontológica que permite à condição humana procurar uma conciliação com os limites da sua finitude, neles descobrindo o lado positivo e criador, ao invés de acentuar a vertente negativa, de privação ou de impossibilidade. Esta rotação é, aliás, um dos aspetos mais fecundos do ócio que, experiência de apropriação, é também uma experiência de pacificação que nos devolve a proximidade do nosso lugar no mundo.

Um exemplo da fecundidade do ócio criativo pode ser encontrado, por exemplo, na criação poética tal como a encaram Sophia de Mello Breyner Andresen e António Ramos Rosa nos seguintes excertos:

«A poesia não explica, implica. O poema não explica o rio ou a praia: diz-me que a minha vida está implicada no rio ou na praia. (...) É a poesia que me implica, que me faz ser no estar e estar no ser. É a poesia que torna inteiro o meu estar na terra». (Sophia de Mello Breyner Andresen, *O nome das coisas*, Edições Salamandra, p. 7).

«Dir-se-ia que escrever suscita uma surdina
para nos arrancarmos a uma voz anterior
e externa
e podermos recuperar uma voz mais
longínqua
que somos nós próprios»

(A. Ramos Rosa, *O Livro da Ignorância*, Signo, p. 111).

Enfim, e para concluir, o que nos é proposto na presente obra é que, em função do diagnóstico da nossa contemporaneidade, se torna crucial uma valorização do ócio, o qual implica uma experiência desacelerada do tempo, a desconstrução da tirania da ideologia utilitária e consumista na qual se dilui, a favor do primeiro termo, a distinção entre meios e fins e, finalmente, o caminho de apropriação duma liberdade que torna a nossa identidade mais compacta e próxima, liberdade que não se reduz à capacidade de operar escolhas entre alternativas, mas se revela na coragem de criar e discernir o alternativo. A gratificação da experiência do gratuito, que está no cerne do ócio, revela-se, neste sentido, como uma possibilidade de enfrentar e transformar um mundo cuja desorientação nos aprisiona numa vida sem sentido existencial.

Rui Alexandre Grácio
Novembro de 2015
Coimbra, Portugal